

# TRANSPARÊNCIAS DE BLAISE CENDRARS NA POESIA BRASILEIRA: MEMÓRIAS DE UMA PASSAGEM\*

ORGANON

Maria Luiza Berwanger da Silva

**RESUMO:** *Cette étude ne compose qu'un échantillon figuratif de la recherche portant sur les rapports Poésie / Altérité synthétisés exemplairement par la présence française de Blaise Cendrars. Il faut souligner dans ce sens le paradoxe entre l'absence presque absolue de ce poète dans les manuels d'histoire littéraire brésilienne, mais la référence continuelle à ce poète et à la Littérature Française de la part des modernistes nationaux tels que Mário de Andrade et Oswald de Andrade. Ainsi donc cette réflexion se destine à récupérer cette textualité parallèle et qui pourra. retracer le paysage poétique national.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *alteridade, presença, paisagem, limiares críticos, tropicalismo, errância, diversidade, fábula do lugar, sujeito, horizonte.*

*"Voyageur, voyageur accepte le  
retour,  
Il n'est plus de place en toi pour de  
nouveaux  
visages,  
Ton rêve modelé par trop de  
paysages,  
Laisse-le reposer en son nouveau  
contour.  
Fuis l'horizon bruyant qui toujours  
te réclame  
Pour écouter enfin ta vivante  
rumeur  
Que garde maintenant de ses arcs  
de verdure  
Le palmier qui s'incline aux sources  
de ton âme."  
Jules Supervielle*

*"A mi retorno  
no iré enseguida hacia las gentes  
que amo.  
Caminaré a la sombra de los  
rugosos muros altos y  
antiguos  
Y saciaré mis manos en la taza  
colmada de la fuente  
Y arrancaré una brizna de hierba y*

*sentiré su gusto  
primaveral en mis labios  
Y aspiraré la noche, plena de  
familiares  
fragancias...  
Y sabrán las cosas que he vuelto  
Y habrá en la noche como una fiesta  
escondida  
entre las viejas casas y mi alma."  
Jorge Luis Borges*

*"Le Brésil est ma deuxième patrie,  
du moins spirituellement."  
Blaise Cendrars*

Entre a voz que sugere o eterno retorno ao Mesmo em Supervielle aquela de Borges que consolida a revitalização da subjetividade, a imagem da Alteridade aclimatada, extraída de Blaise Cendrars, retrata o movimento poético da passagem que o profundo encantamento de Blaise Cendrars lega à história do Modernismo brasileiro.

Buscar o novo para decifrar o magnetismo do lirismo tropical e, desse modo, recartografar a paisagem poética brasileira, sem lhe retrair a singularidade eis, em síntese, a sedução que a imagem retida do Brasil por Blaise Cendrars

\* Comunicação apresentada no Congresso Internacional: *Mirada del Otro, Mirada sobre el Otro* (25ª Asamblea General del Consejo Internacional de Filosofía y Ciencias Humanas) – Buenos Aires, Argentina (29 de septiembre – 2 de octubre, 2000), nas Sesiones Temáticas: *Miradas Literarias Cruzadas: de Sudamerica y Otros Mundos*.

Maria Luiza Berwanger da Silva é professora do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

disseminará sobre a *inteligência literária*. Temos muito a aprender com Cendrars, poeta do mundo confessará Mário de Andrade em texto periodístico de 1929; do mesmo modo dirá Manuel Bandeira em artigo do *Jornal do Brasil* em 1961, em gesto que, ao fazer o inventário da recepção crítica desse estrangeiro, acentua-lhe a fisionomia do poeta transgressor: *Cendrars era um possuído da vida moderna. 'L'Univers me déborde', escreveu ele na Prose du Transibérien. Essa confissão o definia.*

Pacto de amizade e identidade compartilhada (no sentido de BLANCHOT (1971, p.326)), reinvenção mítica e redescoberta do cotidiano constituem algumas das representações da espontaneidade com que Blaise Cendrars se inscreve no projeto modernista de reconstrução nacional (artístico e cultural). Segundo Roger Bastide, em *Poetas do Brasil*, inclina-se Blaise Cendrars a (...) *aproximar as nações, misturar os homens, abolir as fronteiras, de maneira a descobrir a unidade indivisível* (BASTIDE, s.d., p.130), reafirmando, desse modo, o traço do tropicalismo já entrevisto por Ferdinand Denis e que Bastide sintetiza de modo exemplar:

O que Denis apenas entreviu, quando quis mostrar a influência do clima tropical sobre a literatura brasileira, um Durtain, um Cendrars, mesmo um Claudel vão realizar. Esses mascates da poesia trocarão na Praça Onze do Rio e na Bolsa de Café de São Paulo, as modernas tendências da literatura francesa com os frutos dos Trópicos, misturando seu mel e seu suco, seu gosto de açúcar e de terebentina, à poesia de sua terra. (Ibid., p.131)

Congrega-se, portanto, em Blaise Cendrars, a busca do novo com a própria imagem da tradição literária francesa de que o poeta se faz um porta-voz às avessas. Sob as palavras de Bastide, (...) *A isso que chamo um tropicalismo novo, não um tropicalismo de plantas exuberantes, mas de imagens interiores e de sentimentos confusos, a lama da terra que ainda não secou do dilúvio*(...) (Ibid., p.147), a revitalização do exotismo pela memória legítima o projeto duplo de Blaise Cendrars: o de renovar a poesia francesa pela incorporação da paisagem mesclada e o de transfigurar o localismo brasileiro, reacendendo-lhe cores, matizes e efeitos, que harmonizam, em Mário de Andrade, a figura aparentemente paradoxal do trovador (*Sou um tupi tangendo um alaúde*) com a do poeta multifacetado (*Eu sou trezentos, sou trezentos e cincoenta, mas um dia afinal eu toparei comigo...*), inflexão, talvez, da voz do Outro tanto menos imposta, tanto mais buscada no silêncio e na intimidade do desejo de

deslocamento. Diálogos insinuam-se nesse entretecer de imagens trocadas entre os poetas-críticos viajantes. Neles, o desejo da errância e a conseqüente fragmentação do eu configuram o espaço da viagem, como se fora esse distante e, por isso mesmo, infinito e impulsionador do constante redesenhar da paisagem poética. À margem da Correspondência trocada entre Manuel Bandeira e Mário de Andrade, notas críticas reabilitam a figura do poeta brasileiro como a do *anti-viajante*, aproximando-o do prazer da migração sorvido do *bourlinguer* Blaise Cendrars. Diz Mário de Andrade em um poema disperso na revista *Klaxon* (dez. 1922):

Eu sou o poeta das viagens de bonde!  
Explorador em busca de aventuras urbanas!  
Cendrars viajou o universo vendo a dança das paisagens...  
Viajei em todos os bondes de Paulicéia  
e penetrei o segredo das casas baixas...  
Conheço todos os enfeites das salas de visitas!  
Tenho a erudição das toalhas crespas de crochê, sobre  
o mármore das mesinhas e no recosto dos sofás,  
Sei de cor milhares de litografias e oleogravuras. (MORAES, Correspondência, Op. cit., p.91)

Modulada pela *dança das paisagens*, a poética da distância recolhe do estudo de Jean Bressière sobre Blaise Cendrars, intitulado Cendrars: lieux et frontières: *La fable des lieux suppose que ce lieu-ci se dédouble en son dedans et son dehors et que l'autre lieu se multiplie suivant ce dehors et d'autres dedans* (BESSIÈRE, 1999, p.12), a relação do imaginário das viagens com a fábula do lugar reinventado, demarcando o deslocamento ao Outro pelo itinerário da transgressão: *La transition est l'acte du poète; le lieu ne prend sens que par cette transition* (Ibid., p.124). Dito de outro modo: desdobrado, todo lugar faz-se paisagem disseminada em que o lugar nomeado insinua o esboço de um não-lugar, redesenho e multiplicação que o eu capta desse lirismo reinventado. Nas palavras do crítico antilhano Édouard Glissant, em *Traité du Tout-Monde*:

Parcourons la géographie ainsi nouvellement établie, qui n'est plus seulement cette proie des découvreurs et des conquérants mais le tendre lieu de l'amant et de l'aimante... l'interjection de la souffrance et de la joie, qui surajoutent au réel... Cette géographie du poète annonce le partage et la relation. (GLISSANT, 1997, p.188)

Em ensaio nuclear sobre Blaise Cendrars, na *Revista do Brasil* (março de 1924), Mário de Andrade

antecipa-se a essa memória e multiplica o legado maior do p Revigorada, a subje decanta o Outro poeta-viajante com da impureza e da Andrade: *Blaise Ce em nós. A dolorosa l se avolumava dentr provocava em mim a de poemas que* (ANDRADE, 2000, p

No rastro d cáqui, oré descentran transfigur sintetizar Andrade: Faça de sei Das suas : (ANDRADE

A imagem rememorada nesse c no espigão do horiz do Equador (Ibid., p. que a prática poétic incorpora à poesia de de uma certa paisage indeterminação do l (19 Poèmes Élastiqu Va et vient continuei les hommes, tous les plus à charge/ tu ne t 1967, p.81). Desse m para Mário de Andra a configuração da po un jeu) (Ibid., p.9 progressiva diluição intermediada pela a pintura, conforma ur real:

De la coule

.....  
La peinture bouge... (Ib

Com efeito, (1924-1929) (poesias *Élastiques*), essa inte a imagem poética s **Retraída** (*Le mur rip s'encadre dans ma fe l'Avenue São-João*) (I

antecipa-se a essa representação do lugar, como memória e multiplicação: condensa no *lirismo puro* o legado maior do poeta francês à poesia brasileira. Revigorada, a subjetividade decanta-se pelo Outro, decanta o Outro, traduzindo a lição do poeta-viajante como a do aprendizado da mescla, da impureza e da mistura. Lê-se em Mário de Andrade: *Blaise Cendrars explodiu de madrugada em nós. A dolorosa lição dos 19 Poèmes Élastiques se avolumava dentro de nós como incontestável e provocava em mim as anotações líricas da intenção de poemas que estão em Losango cáqui.* (ANDRADE, 2000, p.90)

No rastro dessa *présence avouée*, em Losango cáqui, ordem e desordem, centramento e descentramento, subversão e retorno à regra transfigurada, logo a uma outra ordem, sintetizam-se nos versos de Mário de Andrade:

Faça de seu espírito uma marcha de soldado  
Das suas sensações um vôo de andorinha  
(ANDRADE, Poesias completas, p.136)

A imagem da Paulicéia desvairada, rememorada nesse conjunto de versos, *recostada no espigão do horizonte* (Ibid., p.138), *passagem do Equador* (Ibid., p.139), aponta para a modelização que a prática poética captada de Blaise Cendrars incorpora à poesia de Mário de Andrade; compõe-se de uma certa paisagem da neutralidade, de uma certa indeterminação do lugar que a poesia *Ma Danse (19 Poèmes Élastiques)* registra de modo exemplar: *Va et vient continuel / vagabondage spatial / tous les hommes, tous les pays / C'est ainsi que tu n'es plus à charge / tu ne te fais plus sentir* (CENDRARS, 1967, p.81). Desse modo, Blaise Cendrars esclarece para Mário de Andrade (e para todo o Modernismo) a configuração da poesia como jogo (*La poésie est un jeu*) (Ibid., p.97), efeito lúdico no qual a progressiva diluição da subjetividade e do espaço, intermediada pela associação da poesia com a pintura, conforma uma visão outra da captação do real:

De la couleur, de la couleur et des couleurs...

.....  
La peinture devient cette chose énorme qui bouge... (Ibid., p.40)

Com efeito, em *Le coeur du monde* (1924-1929) (poesias que sucedem aos 19 *Poèmes Élastiques*), essa intersecção do traço pictural com a imagem poética singulariza o ritmo poético. **Retraída** (*Le mur ripoliné de la Pension Milanese s'encadre dans ma fenêtre / Je vois une tranche de l'Avenue São-João*) (Ibid., p.63), **descentrada** (*Tous*

*les voyageurs sont d'accord pour parler des couchers de soleil dans ces parages... / Mais je préfère de beaucoup les levers de soleil...*) (Ibid., p.30) e **neutra** (*J'adore cette ville / Saint-Paul est selon mon coeur / Ici nulle tradition / Aucun préjugé / Ni ancien ni moderne... Tous les pays / Tous les peuples / J'aime ça.*) (Ibid., p.63-64), o simbolismo de São Paulo, em Blaise Cendrars, transforma-se, na voz do poeta brasileiro, em *Mapa-mundi dos estados de alma*. Portanto, a poesia de Mário de Andrade filtra do lirismo de Blaise Cendrars essa transfiguração do local que completa a descrição no orgulho de ser *paulistanamente*, prazer do vasto e do indizível a que Mário agrega o da totalidade cultural. Segundo confessa no artigo da Revista do Brasil de 1924:

... Amo sobretudo, da poesia viva de França, Blaise Cendrars porque o mais rico de benefícios para mim. Ele me libertou da incompreensão do passado. Livrou-me do ritmo impessoal, dando-me não o seu, mas o meu ritmo, tão diferentes estes. Descobriu para mim as puras nascentes do lirismo, muito mais que escritos de estetas e experiências de laboratórios. Porque sempre foi caminhar estrada mais certa, em vez de cartas geográficas, ter um sarado e sacudido companheiro de viagem... E, poeta francês, libertou-me da França. (ANDRADE, 1924, p.222)

Figura singular essa que a transparência de Blaise Cendrars imprime na poesia brasileira: acrescenta ao imaginário de Pasárgada, lugar paradisíaco e único, o desdobramento em não-lugar ou lugar de todos lugares, legitimando-se na teoria da Literatura Comparada hoje. No que se refere a esse aspecto, a afirmação de Jean Bressière de que *todo lugar é lugar de outro lugar*, faz-se paralela às Múltiplas moradas de Cláudio Guillén, nas quais *todo existe dentro de la multiplicidad transpersonal*, incidindo na paisagem *donde el hombre es aparentemente invisible*, mas cuja síntese original entre *espíritu invasor y naturaleza... há propiciado nuevas imágenes configuradoras* (GUILLÉN, 1998, p.176, 164, 163).

Na base desse diálogo, o conceito de paisagem produtiva, extraído de um *texto recobrado* de Borges, entrelaça a reflexão dos dois teóricos comparatistas, ao dizer:

El paisaje – como todas las cosas en sí — no es absolutamente nada. La palabra paisaje es la condecoración verbal que otorgamos a la visualidad que nos rodea, cuando ésta nos ha untado con cualquier barniz conocido de la

literatura ... Lo bello es lo espontáneo... lo marginal es lo más bello. (BORGES, 1997, p.100-101)

Tais representações singulares da paisagem serão evidenciadas pela crítica lúcida de Lisa Block de Behar, quando afirma:

Peut-être l'invention poétique de Borges est-elle dans ses aspirations latino-américaine et universelle la recherche d'une écriture transgressive, d'une transgression qui veut dire en son premier sens 'passage de l'autre côté', au travers de cadres, de marges, de frontières, une façon de 'passer au-delà', une transcendence qui, dans le moment où elle relève les limites — qui sont requises par toute définition — les fait disparaître (BEHAR, 1997, p.347-348)

*Passage de la ligne*, repetirão, reiteradas vezes, poemas de Blaise Cendrars, sinalizando a revitalização do tropicalismo captado da luz meridional e que incide na mistura de cores e raças.

Memória da leitura, em Cendrars, os versos que celebram em Apollinaire a imagem do multicultural, (*Des petits Français, moitié anglais, moitié nègre, moitié russe, un peu belge, italien, thchèque ... Ils ont tous quelque chose d'étranger et sont pourtant bien de chez nous... Et ils parlent tous la langue d'Appolinaire*) (Ibid., p.104), aproximam o simbolismo do lugar reinventado à imagem da diversidade cultural; percebem, ao mesmo tempo, no poema Carnaval carioca de Mário de Andrade, esse constante aflorar das figuras do Outro como expressão da escritura transgressiva:

Carnaval...

A baiana se foi na religião do Carnaval,  
como quem cumpre uma promessa  
Todos cumprem suas promessas de gozar:  
Ingleses evadidos da pruderie,  
Argentinos mascarando a admiração ...  
Polacos de indiscutível índole nagô.  
Yankees fantasiados de norte-americanos...

[Mas] Tem outra raça ainda

Eu mesmo... Eu mesmo, Carnaval  
Eu te levava uns olhos novos  
Pra serem lapidados em mil sensações bonitas  
É que sou poeta

Sou o compasso que une todos os compassos  
E com a magia de meus versos

Fixando os ecos e as miragens  
Eu celestizo em eurtmias soberanas  
Oh! Encantamento da Poesia Imortal.  
(ANDRADE, 1924, p.165-166)

Vista pelo ângulo do poeta transgressor, a

presença de Mário de Andrade hoje, em produções estrangeiras, (refiro-me ao longo estudo crítico sobre o poeta brasileiro em *République Internationale des Lettres*, de CASANOVA (1999)), celebra esse incessante movimento de recriação do Mesmo e do Outro como certeza da identidade lírica reconfigurada e compartilhada. Ao inscrevê-lo nessa obra e ao reiterar o duplo movimento das *Miradas del Outro* e das *Miradas sobre el Outro*, Pascale Casanova confirma a reflexão de que todo exame das representações da Alteridade faz-se produtivo quando reacende trocas e expansões do imaginário, ou, no posfácio ao livro de Paul Ricoeur, lançado recentemente, *Sous l'histoire, la mémoire et l'oubli. Sous la mémoire et l'oubli, la vie. Mais écrire la vie est une autre histoire. Inachèvement* (RICOEUR, 2000, p.657), imagens já antecipadas por Jean Bessière no estudo sobre Blaise Cendrars, onde diz: *le lieu est une vie entière et l'insondable de toutes les vies*.

No fundo, tanto Blaise Cendrars quanto o poeta-crítico brasileiro Mário de Andrade cumprem a dança da paisagem: um e outro nem presença nem ausência do eu, mas tom, mescla, matiz, diluição persistente que mostra e relembra, a cada momento, a passagem da linha; sem, contudo, apagá-la completamente, reiteram os versos finais da poesia *Saint Paul* em gesto que subverte o rastro do colonizador em memória residual: *Les deux trois vieilles maisons portugaises qui restent sont des façences bleues* (Ibid., p.64).

Reconfiguradas, as imagens do eterno retorno renovado *Voyageur, voyageur accepte le retour* em *Supervielle* e a da *fiesta escondida entre las viejas cosas y mi alma* em Borges incorporam às *Miradas del Outro* e às *Miradas sobre el Otro* essa consciência da passagem; irradiadas, pela luz da *Croix du Sud* em versos de Blaise Cendrars, surpreendem pelo constante aflorar do novo: *La Croix du Sud plus prodigieuse à chaque pas que l'on fait vers elle émerge de l'ancien continent, sur son nouveau continent*. Intermitente mas vigorosa, agrupa-nos a constelação em nossas diversidades, memórias de uma passagem.

## BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Mário de. *Blaise Cendrars*. Revista do Brasil, São Paulo: Monteiro Lobato e C. Ed., v. XXV, p.214-223, janeiro-abril de 1924.  
\_\_\_\_\_. Losango cáqui. In: *Poesias completas*. São

- Paulo: EDUSP, s.  
\_\_\_\_\_. *Aspectos da lit*  
Martins, s.d.  
BASTIDE, Roger.  
Guaíra, s.d. p.127  
BEHAR, Lisa Block  
Regard Critiqu  
Maisonneuve et I  
BESSIÈRE, Jean. Ce  
CHEFDOR, Mor  
Paris: Champion,  
*BLAISE CENDRARS*  
*brasileiro*). São F  
BLANCHOT, Mauri  
1971.  
CENDRARS, Blais  
*Poésies complètes*  
1967.  
GLISSANT, Édoua  
(Poétique IV). Pari  
GUILLÉN, Cláudio.  
Literatura Comp  
1998, p.98-175.  
KODOMA, Maria (O  
*recobrados (191*  
1997.  
MORAES, Marcos A  
*Mário de Andra*  
Paulo: EDUSP, 200  
RICHARD, Hugues.  
*Cendrars*. Lousan  
p.132.  
RICOEUR, Paul. *La M*  
Paris: PUF, 2000.  
SUPERVIELLE, Jules  
Paris: Gallimard, 19

Paulo: EDUSP, s.d..

- \_\_\_\_\_. *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, s.d.
- BASTIDE, Roger. *Poetas do Brasil*. São Paulo: Guáfra, s.d. p.127-148.
- BEHAR, Lisa Block de. Miranda et le Spectre du Regard Critique. *Révue Dédale*, Paris: Maisonneuve et Larose, n.5-6, 1997.
- BESSIÈRE, Jean. Cendrars: Lieux et Frontières. In: CHEFDOR, Monique (Org.). *La fable du Lieu*. Paris: Champion, 1999. p.11-32.
- BLAISE CENDRARS ETC... ETC... (*Um livro 100% brasileiro*). São Paulo: Perspectiva, 1976.
- BLANCHOT, Maurice. *L'amitié*. Paris: Gallimard, 1971.
- CENDRARS, Blaise. 19 poèmes élastiques. In: *Poésies complètes (1912-1924)*. Paris: Gallimard, 1967.
- GLISSANT, Édouard. *Traité du tout monde*. (Poétique IV). Paris: Gallimard, 1997.
- GUILLÉN, Cláudio. *Múltiplas moradas*. Ensayo de Literatura Comparada. Barcelona: Tusquets, 1998. p.98-175.
- KODOMA, Maria (Org.). *Jorge Luís Borges. Textos recobrados (1919-1929)*. Barcelona: Emecé, 1997.
- MORAES, Marcos Antônio. *Correspondência de Mário de Andrade a Manuel Bandeira*. São Paulo: EDUSP, 2000.
- RICHARD, Hugues. *Dites-nous Monsieur Blaise Cendrars*. Lousanne: Editions Rencontre, 1969. p.132.
- RICOEUR, Paul. *La Mémoire. L'Histoire. L'Oubli*. Paris: PUF, 2000.
- SUPERVIELLE, Jules. *Oeuvres poétiques complètes*. Paris: Gallimard, 1996.

hoje, em produções  
estudo crítico sobre  
e *Internationale des*  
lebra esse incessante  
mo e do Outro como  
a reconfigurada e  
essa obra e ao reiterar  
las del Outro e das  
Casanova confirma  
as representações da  
ndo reacende trocas  
no posfácio ao livro  
recentemente, *Sous*  
*Sous la mémoire et*  
*z vie est une autre*  
EUR, 2000, p.657),  
Bessière no estudo  
*z: le lieu est une vie*  
*s les vies*.

Cendrars quanto o  
e Andrade cumprem  
o nem presença nem  
ela, matiz, diluição  
ra, a cada momento,  
contudo, apagá-la  
rsos finais da poesia  
bverte o rastro do  
lual: *Les deux trois*  
*qui restent sont des*

magens do eterno  
*oyageur accepte le*  
*esta escondida entre*  
orges incorporam às  
*is sobre el Otro* essa  
diadas, pela luz da  
Blaise Cendrars,  
iflorar do novo: *La*  
*e à chaque pas que*  
*l'ancien continent*,  
Intermitente mas  
telação em nossas  
passagem.

IA

*Cendrars*. Revista do  
Lobato e C. Ed., v.  
il de 1924.  
*ias completas*. São

especial p. 87 - 91 dez. 2003